

# ***A presença de características do Romantismo nas obras *Crepúsculo* e *Lua Nova*, de Stephenie Meyer, e a (des)construção da personagem Edward Cullen***

Josiani da Silva Pospichil<sup>1</sup> - Luciane Maria Wagner Raupp<sup>2</sup>

---

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo principal a análise das características do período literário do Romantismo presentes em *Crepúsculo* e *Lua Nova*, da escritora contemporânea Stephenie Meyer, e a relação entre Edward Cullen e a personagem bíblica Lúcifer. Por meio da análise da obra e da relação com o Romantismo, percebe-se que os *best-sellers* atuais possuem muitas características dos folhetins romanescos, mantendo a função de entreter a nova burguesia e educar as mulheres para serem submissas. O vampiro Edward Cullen afasta-se da visão maniqueísta do diabo, como se pode observar na análise realizada, entretanto não se distancia da visão bíblica desse ser. Da mesma forma, o jovem Cullen recebe uma roupagem diferenciada em relação aos vampiros que o precederam, na literatura ocidental, todavia ainda é o detentor do poder de dominar a personagem feminina e manipulador da situação. Entende-se, assim, que o romance de Meyer utiliza-se de elementos da cultura ocidental que lhe são anteriores e que já se consagraram junto ao público, repetindo a fórmula de sucesso dos folhetins românticos na literatura de massa contemporânea.

**Palavras-chave:** *Crepúsculo*. *Lua Nova*. Romantismo. Edward. Lúcifer.

## **Abstract**

*This paper has as main purpose the analysis of characteristics of Romanticism period found in Twilight and New Moon, from contemporary writer Stephenie Meyer, and the relation between Edward Cullen and the Biblical character Lucifer. Based on the work analysis and its relation with Romanticism, one can see that the current best-sellers have many features of Romanesque feuilletons, keeping the feature of entertaining the new bourgeoisie and educate the women to be submissive. The vampire Edward Cullen moves away from the Manichaeian view of the Devil, as can be seen in the analysis, however is not far from the Biblical view of him. In the same way, the young Cullen is repackaged differently from other vampires that preceded him, in Western literature, still*

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS.  
josy\_formanda@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Orientadora. Professora das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS.  
lucianeraupp@gmail.com.

*has the power of dominating the female character and situation's manipulator though. Therefore, it is deemed that the Meyer's romance uses elements from Western culture which are previous and have already been established to the audience, repeating the successful formula of romantic feuilletons in the contemporary mass literature.*

**Keywords:** *Twilight. New Moon. Romanticism. Edward. Lucifer.*

## 1 Introdução

Desde que a escritora norte-americana contemporânea Stephenie Meyer publicou o primeiro livro da *Saga Crepúsculo* (2006), um grande número de adolescentes se apaixonou pela história de amor entre a desastrada e frágil humana Isabella Swan e o encantador vampiro vegetariano Edward Cullen. O *best-seller* norte-americano ganhou espaço nas telas de cinema e povoou o imaginário adolescente de tal forma que os professores, em algum momento, escutaram seus alunos comentando em sala de aula a respeito do livro ou do filme. Para Franz (1981), o interesse dos seres humanos por histórias fantásticas e repletas de simbologia existe registrado nas culturas há mais de três mil anos. Esse interesse tornou-se parte integrante da nossa cultura ocidental a partir dos contos de fadas de Perrault (na França) e dos Irmãos Grimm (na Alemanha), no século XVIII.

Há motivos para se analisar, no campo dos estudos da área de Letras, especialmente no que diz respeito à metodologia do ensino de Literatura referente ao período literário do Romantismo. Isso porque o discente dispõe-se a adquirir novos conhecimentos quando se sente motivado por algo do seu interesse pessoal. Dessa forma, sendo as obras da série *Crepúsculo* algo do interesse prévio dos alunos, cabe aos docentes encaminhar tal interesse para que abra caminhos para leituras de maior envergadura artística e de maior representatividade da cultura formal.

Além disso, outro ponto que interessa aos docentes diz respeito à possibilidade de tal série servir de alavanca para estudos literários mais aprofundados. Antonio Candido (2009) afirma que comparar o movimento literário do Romantismo com a adolescência é defini-lo perfeitamente. O adolescente é ambíguo, indeciso, dividido, dramático, ameaçado pelo sofrimento exagerado e intenso. Assim, as características ultrarromânticas presentes nas obras de Meyer permitem a aproximação entre essas obras e o período literário do Romantismo.

Temos, então, obras do século XXI estabelecendo relação com obras clássicas do século XIX, o que permite ao professor de literatura mostrar ao aluno que o conteúdo visto em sala de aula ainda é atual. O *best-seller* possui muitas semelhanças com os folhetins escritos durante o Romantismo que tinham por objetivo entreter a burguesia que formara uma nova classe social. Os folhetins narravam histórias de amores proibidos e todos os riscos desses relacionamentos amorosos, seu objetivo era educar as mulheres quanto aos riscos de se apaixonarem por homens de caráter duvidoso e/ou que a família desaprovava por desavenças familiares. A sociedade exigia mulheres submissas ao pai e, após o casamento, ao marido.

Ao mostrar para o discente que é possível aplicar a teoria apreendida na escola para analisar uma obra de apreciação pessoal, o docente faz com que o aluno envolva-se com o conteúdo o que resultará em aprendizado. Embora não sejam obras clássicas e haja incoerências no enredo, a *Saga Crepúsculo* possui determinadas semelhanças com algumas obras do Romantismo português como *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, do Romantismo brasileiro como *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, e do Romantismo Inglês com obras de William Shakespeare. Essas obras possuem em comum a idealização do ser amado, a autoironia masoquista, o sofrimento amoroso, o exagero, a atração pela morte, o ambiente lúgubre, a presença marcante da noite e o satanismo.

Na segunda geração romântica, o ultrarromantismo, surgem referências ao satanismo. Essa característica presente na obra de Álvares de Azevedo aparece, também, no *Drácula*, de Bram Stoker. Os vampiros são considerados criaturas demoníacas, sem alma por serem mortos-vivos e alimentarem-se de sangue. O mito do vampiro sobreviveu por séculos, sempre relacionado ao diabo ou à personificação desse. Em algumas culturas eram promovidos os dias de “caça às bruxas” para que o povo exterminasse vampiros e outros seres semelhantes. Na *Saga Crepúsculo*, Carlisle<sup>3</sup> era filho de um pastor quando foi mordido por um vampiro em uma noite de caça às bruxas. Revoltado quanto a sua nova natureza, o médico criou um sistema alternativo de alimentação: o sangue animal. Ele nega-se a aceitar que não exista outra vida para os vampiros, levantando a questão da existência de Deus e do Diabo.

Meyer tentou criar um vampiro que se distanciasse da célebre personagem de Stoker e, assim, da relação com o diabo, por isso Edward recebeu uma nova “roupagem”. Ele pode até ter se afastado da aparência horrível e assustadora originais do mito, mas isso não é suficiente para afirmar que ele afastou-se da relação com o diabo. Por séculos, as pessoas conheceram a visão maniqueísta do diabo representado como um bode vermelho e com chifres, porém a Bíblia fala de um anjo caído que desafiou a Deus, foi expulso do céu e se transformou no Diabo. Meyer traz ao leitor uma história antiga contada de uma forma diferente.

Pretende-se, com este artigo, comprovar que as obras *Crepúsculo* e *Lua nova*, de Stephenie Meyer, possuem características do período literário do Romantismo, do mesmo modo que a personagem Edward possui relações com personagens que lhe são anteriores, em um processo de (des)construção. O artigo perfaz um percurso que vai desde a caracterização do Romantismo, passando pela relação existente entre esse período literário e as obras *Crepúsculo* e *Lua Nova* – a partir de características específicas e o gosto da burguesia por romances *best-sellers* – até a relação entre *Drácula*, Edward, o Diabo e Lúcifer. Com esse percurso, traz conceitos “antigos” que podem aplicar-se tanto a obras literárias de mais de um século atrás quanto a obras literárias que são consumidas pelas massas atualmente.

---

<sup>3</sup> O patriarca da família Cullen, uma vez que criou os outros integrantes do clã, é um médico respeitado em Forks e um vampiro “vegetariano” – não se alimenta de sangue humano, só do sangue de animais – que se preocupa com a felicidade e bem-estar dos membros de sua família.

## 2 O período literário do romantismo

O Romantismo surgiu na França e na Inglaterra no século XVII. Todavia, o termo Romantismo foi utilizado a partir do século XIX e deriva da palavra francesa *roman*, que vem da palavra latina *Romanice* e do termo *Romance*. Antes disso, falava-se apenas em “romances” para se referir a esse estilo de narrativa. Quando surgiu, a palavra *Romance* era utilizada para denominar qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares. Conforme foram ocorrendo mudanças na língua falada, essas também chegaram à língua escrita. Os *Romances* “[...] acabaram por assumir todas as funções antes reservadas ao latim literário, inclusive as ligadas à escrita; [...]” (ILARI, 2008, p. 62). Essa transição não foi fácil, uma vez que a origem do termo – o latim vulgar – foi considerada por muitos como reles, baixo, em sentido pejorativo. Isso pesou no período literário do Romantismo.

A obra de William Shakespeare pode ser considerada uma importante contribuição para a renovação que estava por vir. É ela que serve de partida para o movimento Romântico que surgiu na Alemanha, em 1770, com o *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto). Herder, Goethe e Klopstock foram considerados os grandes nomes desse movimento, mas é o francês Rousseau que é considerado o “pai do Romantismo”. Oficialmente, o início do Romantismo é considerado entre 1797 e 1810, com Walter Scott e Chateaubriand.

Nas literaturas que surgiram na Europa, na Idade Média, havia dois tipos de romance: o sentimental, cujo final era trágico, e o de cavalaria, em que ocorria uma solução ditosa para os amores narrados. O romance só conquistou seu espaço futuramente. Em seu surgimento, era uma narrativa longa e sentimental, contada oralmente por pessoas que falavam os vários dialetos europeus ao invés do latim que era a língua culta desse período, tratava-se de histórias de amor e de aventuras cavaleirescas. Tal característica fez com que esse gênero ficasse à margem durante o período do Classicismo. Devido a sua estrutura e aos temas abordados, o romance apresentava oposição aos padrões e às regras da literatura clássica.

O gênero literário romance foi desprestigiado até o século XVIII, quando a burguesia ascendeu socialmente. Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2002, p. 246) explica que esse desprestígio deve-se ao fato desse gênero ser

[...] conceituado como uma obra frívola, cultivada apenas por espíritos inferiores e apreciado por leitores pouco exigentes em matéria de cultura literária. [Além disso, também] [...] era considerado como um perigoso elemento de perturbação passional e de corrupção dos bons costumes, razões por que os moralistas e os próprios poderes públicos o condenaram asperamente.

É no período do Romantismo que a prosa romanesca afirma-se como uma grande forma literária, permitindo às mulheres o acesso à leitura. Até esse período, as mulheres tinham pouco acesso à instrução escolar, eram educadas para serem boas esposas e mães. Aos poucos, elas aprenderam a ler e a escrever, e as obras dos escritores românticos eram menos eruditas e de mais fácil compreensão. As obras literárias do Romantismo tinham como função educar a mulher para a sociedade na qual estava inserida. Mónica Rector (1999, p. 26) afirma que “A mulher costuma, nessa época, ser aniquilada pelo homem e, se não aceita tais atitudes, arca com pesadas consequências,

como é o caso de Teresa em Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco”. A literatura que fugisse aos padrões de mostrar ao público feminino seus deveres em sociedade e como deveriam agir dentro das normas determinadas pela “santidade” religiosa era condenada, e as jovens, se a liam, faziam-no às escondidas.

Os romances variavam, sendo as histórias de amor as preferidas pelo público feminino. “Outra variedade que gozou de extrema popularidade foi o romance gótico, ‘romance negro’, de conteúdo fantástico ou terrífico, histórico ou sentimental [...], passados em castelos, claustros ou solares assombrados” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 13), que possuem características do Ultrarromantismo. Esse período literário durou, no Brasil, aproximadamente vinte anos (1845 a 1865), sendo o período de 1850 a 1860 o seu apogeu.

O Romantismo iniciou, oficialmente, no Brasil, em 1836, com o crescimento da imprensa e o aumento da produção literária que ocorreu após a proclamação da Independência em 1822. Esse novo período literário possuía características particulares e especiais, traços próprios misturados a elementos gerais que o ligavam ao movimento europeu. Esse período literário foi responsável pela independência literária do país, pois lhe permitiu a conquista da liberdade de pensamentos e de expressão. Segundo Candido (2009, p. 77), “O ambiente para a produção nos meados do século XVIII era [...] o mais pobre e menos estimulante que se pode imaginar, permanecendo a literatura, em consequência, um subproduto da vida religiosa e da sociabilidade das classes dirigentes”. Para que as ideias desse período literário se fixassem, era preciso uma transformação de pensamento. O Brasil foi “[...] o único país em que frutificou a linha de rebeldia individualista e de mal do século” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 24). Pode-se afirmar que “[...] na falta de equilíbrio estético, na pressa, no culto da improvisação” (CANDIDO, 2009, p. 469) os românticos foram bem românticos.

A aproximação entre a língua falada, coloquial, e a escrita, literária, ocasionou o aumento do público leitor e tornou inegável o fato de que “[...] a ficção brasileira foi criada no Romantismo” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 27). Na verdade, o período literário do Romantismo abriu portas para o surgimento de um grande número de escritores e leitores, uma vez que nesse período o público leitor deixa de ser apenas formado por estudantes e magistrados. Os romances trazem uma leitura de fácil acesso para o público feminino por meio dos folhetins publicados nos jornais. Acerca desse período literário, Massaud Moisés (2002, p. 117) afirma que “[...] imperaram o ‘eu’, a anarquia, o liberalismo, o sentimentalismo [...]”, características do Ultrarromantismo europeu que aparecem na obra de Álvares de Azevedo e outros românticos que viveram intensamente o “mal do século”, mais conhecido como a segunda geração romântica, com seus “[...] estados mórbidos de dúvida, negativismo e melancolia” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 24). Essa geração é formada pelos adeptos da corrente individualista e boêmia que surgiu na metade do século.

A produção desse período teve forte influência de Byron, Musset e Lamartine. Alfredo Bosi (2002, p. 93) afirma que Álvares de Azevedo e outros ultrarromânticos entregaram-se “[...] ao *spleen* de Byron e ao *mal du siècle* de Musset, vivendo [...] uma existência doentia e artificial, [...] perdida no próprio narcisismo”. Os poetas do Ultrarromantismo caracterizam-se por terem uma vida desregrada, viverem na melancolia e no

desespero e possuírem amadurecimento precoce. A maioria morreu ainda muito jovem, incompreendida na sua morbidez e originalidade. Em Álvares de Azevedo se encontra o que Antonio Candido (2009, p. 469) chama de “[...] sensibilidade adolescente” e que identifica essa fase (1850-1860). Seu nome consta como “[...] a primeira afirmação realmente notável do individualismo romântico no Brasil. [...] devido à sua imaturidade, o individualismo estava nele representado por uma liberdade de espírito que os seus predecessores não conheceram ou não ousaram ter” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 139). Em sua obra, há a presença dominante do exótico, do lúgubre e do macabro, características marcantes de uma alma ferida pelo “mal do século”.

Álvares de Azevedo morreu pouco antes de completar 21 anos e deixou outras obras além da poesia. Trata-se da peça inacabada *Macário* e os contos de *Noite na taverna*. Antonio Candido (2009, p. 465, grifos do autor), ao falar de sua obra, afirma que “[...] *Noite na taverna* e os devaneios da *Sociedade Epicuréia* [são] [...] máscara de devasso no moço bom que foi Álvares de Azevedo, cedendo o lugar a outras, de melancolia negra ou inesperada molecagem”. A melancolia encontra-se na obra do precursor do Ultrarromantismo através do pessimismo violento, o desejo de morte, a amargura e os pensamentos sombrios que permeiam toda a sua obra. “[...] Álvares de Azevedo, absorto no pensamento da morte, só se preocupava com o lado noturno: as sombras, o crepúsculo, a noite, os túmulos” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 142). Tamanho era o seu fascínio por tudo isso que pensou em fundar um jornalzinho e dar-lhe o nome de *Crepúsculo*<sup>4</sup>.

Com sua sensibilidade espontânea, esse poeta fez com que o culto do sonho fosse introduzido em nossa literatura e se reproduzisse pelo país. Há em sua obra “[...] correntes obscuras de desencanto e receio de amar” (CANDIDO, 2009, p. 497) e a presença da passagem do consciente para o inconsciente através da utilização de névoas e vapores. Se tratada do ponto de vista técnico, a obra de Álvares de Azevedo é considerada pelos críticos como possuidora de defeitos e limitações que a deformam, todavia a magia que ela transmite impede o leitor de rejeitá-la. Candido (2009, p. 496, *grifo do autor*) explica que “[...] O sonho é nele tão forte quanto a realidade; os mundos imaginários, tão atuantes quanto o mundo concreto; e a fantasia se torna *experiência*, podendo causar tanto sofrimento quanto ela”. Eis a relação com a adolescência, fase de sentimentos intensos e exagerados, “Álvares de Azevedo sofre, como adolescente, o fascínio do conhecimento e se atira aos livros com ardor; mas, ao mesmo tempo, é suspenso a cada passo pela obsessão de algo maior” (ibidem, p. 493). Muitas das características presentes na obra de Álvares de Azevedo estão presentes na obra de Meyer.

### 3 O romantismo presente nas obras *crepúsculo* e *lua nova*

A escritora contemporânea Stephenie Meyer escreveu uma saga dividida em quatro livros. A *Saga Crepúsculo* chegou às livrarias em 2006, e a história de amor entre Bella e Edward espalhou-se rapidamente entre os adolescentes, conquistando o imaginário de uma geração. Se um olhar atento for direcionado para a obra, poder-se-á

---

<sup>4</sup> Título que Stephenie Meyer deu ao primeiro livro da Saga Crepúsculo, narrativa que traz o lado noturno e o pensamento da morte

observar que *Crepúsculo* e *Lua Nova* – os dois primeiros livros da saga – possuem muitas características de obras do período literário do Romantismo, principalmente do Ultrarromantismo. Em *Crepúsculo* (MEYER, 2008a), por meio da narrativa de Bella, o leitor conhece a história de uma jovem desajustada de 17 anos que se muda da ensolarada Phoenix para a chuvosa Forks onde conhece o vampiro Edward e fica fascinada por ele. Depois que o caçula dos Cullen salva a sua vida, Isabella tenta provar várias teorias até descobrir que ele é um vampiro vegetariano – alimenta-se de sangue de animais no lugar de sangue humano – e não o vê como um monstro. Ainda que sua vida corra riscos, James é um rastreador que percebe a intensidade do amor de Edward pela jovem humana apenas olhando nos olhos do rapaz e vê o quanto será divertido caçar Bella e feri-la. Já ela não volta atrás na decisão que tomou de ficar com o vampiro. Quando James morde seu braço e ela não sabe se morrerá ou será transformada, toma a decisão de que quer ser uma vampira para poder viver eternamente ao lado do amado. Todavia, o jovem de 17 anos recusa-se a privá-la de qualquer privilégio da vida humana e nega-se a transformá-la.

Na sequência, em *Lua Nova* (idem, 2008b), Isabella completa 18 anos e não quer comemorar seu aniversário porque não gosta da ideia de que ela envelhece enquanto o namorado continua jovem. Alice, irmã de Edward, organiza uma festa que sai do controle quando Bella corta o dedo e quase é mordida por Jasper<sup>5</sup>. Sua relação com o vampiro muda, e ele parte após dizer que não a ama mais. Ela aliena-se do mundo por alguns meses e volta a sentir-se viva quando se coloca em perigo – aproxima-se de um grupo de homens que se parecem com os homens que a encurralaram em um beco em Port Angeles na segunda vez em que Edward a salva – e escuta a voz do ex-namorado recomendando-lhe que não seja imprudente. A jovem coloca sua vida em perigo saltando de um penhasco, Edward pensa que ela cometeu suicídio e resolve procurar os Volturi<sup>6</sup> para que eles o matem. Ao saber disso, Bella decide impedir que ele morra por causa do sentimento de culpa e viaja para a Itália, onde impede que o amado se exponha. Os Volturi os deixam retornar para Forks após se certificarem – por meio de uma visão de Alice – que Bella será transformada. Edward confessa que nunca deixou de amá-la e que mentiu para protegê-la. O casal reata apesar de todo o sofrimento amoroso que esse amor provoca.

### 3.1 A idealização do ser amado, a autoironia masoquista e o sofrimento amoroso

A idealização do ser amado é uma das primeiras características do Romantismo que aparece na Saga *Crepúsculo* com um diferencial em relação a obras como *Amor de perdição* (BRANCO, 2009) e *Noite na taverna* (AZEVEDO, 2006). Nessa última, por exemplo, há a idealização da figura feminina: narrador

<sup>5</sup> Último vampiro a entrar para a família Cullen e está acostumando-se a conviver com humanos sem torná-los sua refeição. Ex-soldado do exército confederado, já comandou um exército de vampiros antes de conhecer Alice Cullen e fazer parte da família vegetariana.

<sup>6</sup> Clã de vampiros que vive na Itália e é formado pelo trio Aro, Marcus e Caius. Os mais antigos vampiros mencionados na obra são responsáveis por manter em segredo a existência de vampiros e fazer com que as poucas regras estabelecidas sejam cumpridas.

masculino prefere a mulher idealizada à de carne e osso<sup>7</sup>. Essa visão deve-se a posição da mulher na sociedade e ao fato das narrativas serem escritas por homens. De acordo com Mônica Rector (1999, p. 21), a mulher era representada como calada e “[...] sob uma ótica masculina. [...] [da] qual o homem sempre foi senhor absoluto”. Nas narrativas deste século, a mulher que recebe o direito à voz no papel de autora, transforma o homem em ser idealizado a fim de mostrar que ela é a senhora absoluta. Já em *Crepúsculo* e *Lua Nova*, o leitor depara-se com um narrador do sexo feminino. Os acontecimentos são narrados por Isabella Swan, e há, no entanto, a preferência pelo homem idealizado ao de carne e osso, perpetuando-se ideias do Romantismo<sup>8</sup>. Ao contrário do *Drácula* (2009), de Bram Stoker, Edward Cullen é um vampiro atraente e o homem dos sonhos de qualquer mulher. No primeiro momento em que consegue ficar a sós com ele, longe de todos os olhares curiosos, e observá-lo atentamente, ela descreve-o da seguinte forma:

[...] A camisa branca de Edward não tinha mangas e ele a usava desabotoada, de modo que a pele branca e macia de seu pescoço fluía ininterrupta pelos contornos de mármore de seu peito, a musculatura perfeita agora não só sugerida por baixo das roupas que a escondiam. Ele era perfeito demais, [...]. Não havia como esta criatura divina ser cruel comigo (MEYER, 2008a, p. 189).

A personagem apresenta ao leitor um ser encantador, levando em considerações aspectos físicos e de vestuário muito semelhantes ao que fazem os narradores do Romantismo em relação às personagens femininas – afinal, quem não se lembra de alguma descrição de *toilette* da “mocinha” desses romances? Além disso, a narrativa em primeira pessoa apresenta o vampiro pelo ponto de vista de uma adolescente apaixonada.

Bella – como as personagens românticas<sup>9</sup> – vê apenas o que lhe agrada. Um claro exemplo disso se dá quando, no início da obra *Crepúsculo*, Edward impediu que uma *Van* a esmagasse. Depois do incidente, ela criou teorias para explicar a força e a agilidade a partir das histórias que ela conhecia sobre super-heróis. Ela afirma: “[...] tentei me sentar e percebi que ele me segurava junto à lateral de seu corpo num aperto de aço” (ibidem, p. 49). Essa descrição confirma sua idealização ao transformá-lo em um herói, o herói que salvou sua vida. Isabella se apaixona por um ser idealizado e nega-se a aceitar os perigos que a cercam, isso a conduz a outra característica do Romantismo, a

<sup>7</sup> Solfieri, em *Noite na Taverna* (AZEVEDO, 2006, p. 27), descreve: “[...] Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. A face daquela mulher era como de uma estátua pálida à lua”, seu canto envolveu-o e ele a seguiu até o cemitério. A visão desaparecera ao seu despertar. Anos mais tarde, vê o mesmo rosto pálido em uma vítima de catalepsia. O rapaz rouba o corpo, mas a loucura da jovem leva-a a morte. Tal é sua beleza que ele a transforma em uma estátua. Uma estátua não tem vontade própria e está sujeita a seu dono. Nessa perspectiva, acerca da apresentação do estado de submissão feminino, Mônica Rector (1999, p. 15) afirma que, ao longo dos séculos, as mulheres “[...] foram representadas como seres humanos passivos, manipulados pela vontade do homem [...]”, sem direito a opinião. A mulher idealizada é aquela que se enquadra aos desejos do homem, a mulher de carne e osso não se submete facilmente aos seus desejos e não o aceita como seu dono.

<sup>8</sup> Ao contrário do que possa parecer, o fato de a narradora-personagem passar a idealizar o homem, que inverte o jogo de vozes do Romantismo – a da voz masculina idealizando a personagem feminina – isso nada significa em termos de conquistas femininas. Isso porque, ao idealizar o amado, a personagem, apesar de ter voz, repete o discurso de submissão, buscando no masculino a proteção e até mesmo a razão para viver.

<sup>9</sup> Teresa Albuquerque é uma personagem clássica do Romantismo português. A personagem principal de amor de Perdição (2009), de Camilo Castelo Branco, vê seu amado Simão Botelho como um homem que não deu desgostos à sua família e afirma não ter ouvido ninguém falar mal dele. Na verdade, o rapaz tinha fama de valentão por causa das brigas nas quais se envolvera e chegando a ser preso.

autoironia masoquista.

O sofrimento amoroso e doentio que caracteriza o período literário do Ultrarromantismo é inevitável quando se trata do relacionamento amoroso entre uma humana e um vampiro. Alfredo Bosi (2002, p. 110) cita “[...] a autoironia masoquista” como uma característica presente na segunda geração romântica. Essa é outra característica que também aparece na obra de Meyer. Edward revela a Bella sua identidade de predador, colocando-a na posição de presa, e os dois têm o seguinte diálogo: “[...] E então o leão se apaixonou pelo cordeiro... – murmurou ele. [...] Que cordeiro imbecil [...] Que leão masoquista e doentio” (MEYER, 2008a, p. 201). Edward apaixonou-se pela “comida”, a ironia doentia de não poder viver sem aquilo em ambos os sentidos. Ela é a “refeição”, mas matá-la significa não haver sentido para continuar existindo. O vampiro sofre para controlar a sede porque sofreria mais se a matasse.

Isabella Marie Swan e Edward Cullen são personagens muito diferentes, o que provoca a atração imediata entre ambos. Antonio Candido (2009, p. 465) afirma que uma das características do Romantismo é “[...] a volúpia dos opostos”. As personagens encontram prazer no proibido, no diferente, naquilo que não é igual a elas. Observa-se isso quando Bella afirma: “[...] De três coisas eu estava convicta. Primeira, Edward era um vampiro. Segunda, havia uma parte dele – e eu não sabia que poder essa parte teria – que tinha sede de meu sangue. E terceira, eu estava incondicional e irrevogavelmente apaixonada por ele” (MEYER, 2008a, p. 146). Nesse excerto, também aparece outra característica romântica, “[...] a filosofia do belo-horrível” (CANDIDO, 2009, p. 465). A personagem principal de Meyer sabe que o vampiro é um monstro sanguinário capaz de matá-la e ainda assim apaixonou-se por ele.

Sem conhecer a real identidade do rival, Mike<sup>10</sup> percebe algo diferente e comenta com a amiga: “[...] Ele olha para você como se [...] fosse uma coisa de comer” (MEYER, 2008a, p. 164). A relação com a comida é irônica. O vampiro deseja a garota como mulher ao mesmo tempo em que deseja seu sangue. Essa atração é explicada em *Lua Nova* por Aro. Ele compara Isabella às sereias que, de acordo com a origem nórdica, são “[...] Monstros do mar, com cabeça e tronco de mulher, e o resto do corpo igual ao [...] de um peixe” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 814). O patriarca do clã Volturi afirma que Edward nunca encontrou alguém cujo sangue fosse tão atraente para ele quanto Bella. Ele não compreende como o vampiro consegue ficar tão próximo dela e se refere à Isabella como “[...] *La tua cantante*” (MEYER, 2008b, p. 335). Ao ser questionado por Alice a respeito da conversa com Aro sobre cantoras, Edward explica que “[...] Eles têm um nome para quem tem o cheiro que Bella tem para mim. Chamam de minha *cantora*... Porque o sangue dela canta para mim” (idem, p. 349, grifo da autora). Eis a relação entre Bella e as sereias: o canto sedutor.

As sereias se perpetuaram na imaginação tradicional como símbolo da sedução que conduz à morte, elas atraíam os marinheiros com seu canto sedutor e os barcos batiam contra os rochedos provocando-lhes a morte. Esses seres são vistos como criações do inconsciente, que provocam “[...] sonhos fascinantes e aterrorizantes, nos quais se

---

<sup>10</sup> Jovem estudante de Forks que estuda com Bella e sente ciúme de Edward por ter conquistado a garota que ele queria como namorada.

esboçam as pulsões obscuras e primitivas do homem” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 814). Os instintos assassinos de Edward foram despertados com maior intensidade quando ele conheceu a namorada. Aro impressiona-se ao sentir o cheiro da jovem nas lembranças do rapaz. Se não o tivesse sentido, não acreditaria que o apelo do sangue de alguém pudesse ser tão forte. Em todos os séculos que viveu, ele nunca sentira nada parecido. Diante do forte chamado do instinto, o jovem Cullen trava uma luta interna na tentativa de evitar sua própria destruição. A força de Edward para vencer seus instintos assassinos e manter Bella viva surpreende o vampiro italiano: “[...] seu controle [...] Não sabia que essa força era possível. Habituar-se contra tal canto de sereia, não apenas uma vez, mas repetidamente” (MEYER, 2008b, p. 336, grifo do original). Para o vampiro, amar a humana é doloroso, é masoquista.

Se, para os nórdicos, a sereia era a sedução que conduzia para a morte, entre os egípcios ela “[...] foi considerada a alma do morto que perdeu seu destino e se transformou em vampiro devorador” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 814). A definição de Aro não só determina a situação do casal de namorados naquele momento como define a situação futura de Isabella. Se ela permanecer com Edward, mais cedo ou mais tarde terá que ser transformada. A jovem já revelara esse desejo antes do abandono do amado, “[...] Esse futuro [ser vampira] se perdera para sempre e nunca estaria a meu alcance. Lutei para recuperar o controle enquanto o buraco em meu peito doía, oco” (MEYER, 2008b, p. 189). O sofrimento da personagem, expresso nesse excerto, a acompanha durante toda a narrativa. O leitor já encontra essa característica no primeiro capítulo de *Lua Nova* quando Bella afirma que era muito dolorosa a ideia de Edward deixar de existir ainda que ela estivesse morta.

### 3.2 O exagero e a atração pela morte

Entre as características do Romantismo está o exagero. Os sentimentos são intensos, levados ao extremo. Um único ato resulta em terríveis consequências. Antonio Candido (2009, p. 469) aponta a presença do “[...] exibicionismo amoroso [...]” nas atitudes das personagens românticas como acontece em *Amor de Perdição* (2009) quando Simão mata Baltasar. O objetivo de Simão é impedir que sua amada Teresa não seja afastada dele, já que o primo a acompanhará na troca de conventos. O ex-prometido da jovem lança-se contra o rival e é atingido pela arma que esse carrega. Simão é aconselhado a fugir, mas permanece no local e deixa-se prender. Já em *Lua Nova*, ao atender o telefone, Jacob disse que Charlie não estava em casa, estava no enterro. O mal entendido de Romeu e Julieta repete-se nesse momento. Na obra de Shakespeare, Romeu acredita que sua amada morreu e retorna a Verona. Ao encontrá-la morta, ele bebe um veneno letal e morre no instante em que Julieta desperta. A jovem ingerira uma poção que lhe concedera a aparência de morta para conseguir fugir com seu amado, entretanto o plano não é informado a Romeu a tempo. Na obra de Meyer, Edward pensa que Jacob referia-se ao enterro de Bella, e o lobisomem desliga o telefone para que ele pense exatamente isso. O desespero ao sentir a perda definitiva torna-se mortal. O vampiro viaja para a Itália em busca de quem o mate e conseguiria isso caso a

amada não tivesse aparecido porque se nega a viver em um mundo onde ela não exista.

A personagem principal de Meyer é desastrada e sente-se inadequada ao mundo em que vive. Isso fica evidente quando ela comenta que “[...] As pessoas sempre se sentiam estranhamente pouco à vontade com os Cullen, quase com medo, por algum motivo que não conseguiam explicar a si mesmas. Eu era uma rara exceção a essa regra” (MEYER, 2008b, p. 20). Uma das características marcantes do Romantismo é “[...] a atração pela morte, a autodestruição dos que não se sentem ajustados ao mundo” (CANDIDO, 2009, p. 466). No Ultrarromantismo, a presença da morte torna-se ainda mais marcante, a morte por amor. No prólogo de *Crepúsculo*, o narrador autodiegético afirma: “NUNCA PENSEI MUITO COMO MORRERIA [...] Sem dúvida era uma boa forma de morrer, no lugar de outra pessoa, de alguém que eu amava” (MEYER, 2008a, p. 11, grifo original). A morte encontra-se presente na narrativa desde o princípio, é o prenúncio do que está por vir, e vai permear toda a narrativa. Ela também aparece no prólogo de *Lua Nova*, agora com a ideia da morte por amor, Bella corre contra o tempo para salvar a vida de Edward e sabe que pode chegar tarde demais. Ao pensar nessa probabilidade a jovem afirma: “[...] fiquei feliz que alguma coisa sedenta de sangue me esperasse nos bastidores. Pois, falhando nisso, eu perderia qualquer desejo de viver” (idem, 2008b, p. 11). A questão da morte aparece no segundo livro da escritora contemporânea Stephenie Meyer com mais intensidade. Isabella torna-se autodestrutiva no momento de desespero. Sem Edward, ela sente-se desajustada outra vez.

Nas personagens românticas, “O cansaço precoce de viver, o desejo anormal do fim, assaltam com frequência a sua imaginação [...]” (CANDIDO, 2009, p. 494). Embora negue ser autodestrutiva, Bella apresenta essa característica. “Eu queria ser vampira” (MEYER, 2008b, p. 189), afirma a personagem. Para Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 930), “[...] O vampiro simboliza uma inversão das forças psíquicas contra nós mesmos”. O romântico é autodestrutivo e vê a vida como algo doloroso, morrer é mais fácil do que viver. Com esse pensamento, ele desiste de lutar quando o sofrimento é intenso. Ao desejar não ser humana, a personagem está lutando contra si mesma. A ideia de morte é tão frequente na narrativa de Meyer que, no primeiro capítulo de *Lua Nova*, Edward confessa invejar Romeu pela facilidade com que os humanos conseguem cometer suicídio. Ele pensara no suicídio, caso não conseguisse chegar a tempo para impedir que James matasse Bella. A personagem tem uma visão idealizada da morte. Depois que James morde o braço da jovem, ela perde os sentidos e só os recupera após alguns dias no hospital. Ao despertar, ela reflete: “MEUS OLHOS SE ABRIRAM PARA UMA LUZ BRANCA E FORTE. [...] Esperei que significasse que eu ainda estava viva. A morte não devia ser tão desconfortável” (MEYER, 2008a, p. 327, grifo original). Por meio desse pensamento, observa-se que ela não vê a morte como sofrimento nem desconforto. A morte é ambivalente, uma vez que também “[...] possui o poder de regenerar” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 621). No segundo livro da saga, enquanto Bella estava se afogando, a imagem de Edward a acompanhava e ela desistiu de lutar. “[...] Tinha me esquecido de como era a verdadeira felicidade. Felicidade. Isso tornava toda a história de morrer bastante suportável” (MEYER, 2008b, p. 257), reflete acreditando na beleza da morte. No momento da morte, o sofrimento desaparece.

### 3.4 O ambiente lúgubre e a presença marcante da noite

Entre as características do Romantismo está o culto à natureza e o gosto pelo pitoresco. De acordo com Afrânio Coutinho e Eduardo de Faria Coutinho (2004, p. 9), “[...] a natureza era um lugar de refúgio, puro [...]”. Em *Lua nova*, Isabella passa a maior parte do tempo na reserva onde moram os índios quileutes e descreve detalhes do local como “Os penhascos [que] eram uma lâmina preta contra o céu claro” (MEYER, 2008b, p. 254) e o que o cerca além da praia, “A água furiosa era negra em todas as direções” (ibidem, p. 256). O ambiente externo reflete o que acontece no interior da personagem principal de Meyer. Por meio das atitudes de Bella, observa-se que “[...] o romântico é movido [...] pelas suas emoções e reflexões” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 10). No primeiro capítulo de *Crepúsculo*, Bella muda-se da ensolarada Phoenix, no estado do Arizona, para a cidade de Forks, no estado de Washington, e a descreve como uma cidadezinha chuvosa, com neblina densa, “[...] quase constantemente debaixo de uma cobertura de nuvens [...]” (MEYER, 2008a, p. 12) e possuidora de sombras melancólicas. O ambiente criado é lúgubre e propício.

O ambiente é importante na construção da personagem, interfere na narrativa e conduz o leitor aos acontecimentos. Em *Lua Nova*, ao entrar no castelo em que estão os Volturi, a personagem principal destaca: “[...] O cheiro das flores me lembrou um velório” (idem, 2008b, p. 330). Edward estava preocupado porque sua amada humana estaria frente a frente com vampiros que não eram “vegetarianos” e esse encontro poderia resultar em morte.

Em *Noite na taverna*, uma obra de contos do escritor brasileiro Álvares de Azevedo que foi escrita no período literário do ultrarromantismo, “[...] É como se o autor tivesse conseguido elaborar, em atmosfera fechada, um mundo artificial e coerente, um jogo estranho mas fascinador, cujas regras aceitamos” (CANDIDO, 2009, p. 504). Esse jogo encontra-se presente nas obras de Meyer por meio do ambiente criado pela autora. O leitor prepara-se para algum acontecimento sombrio quando Bella descreve que

[...] as nuvens avançavam indolentes, apesar de não haver vento no nível do solo. As nuvens mais próximas eram de um cinza esfumado, mas por entre elas eu podia ver outra camada, que era de um roxo horrível. O céu tinha um plano feroz para aquele dia (MEYER, 2008b, p. 253).

Na saga escrita por Meyer, há a presença constante da cor vermelha. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 944), o vermelho é considerado universalmente “[...] como o símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho [...]” e é tão ambivalente quanto o fogo e o sangue cuja cor representa. Em *Crepúsculo*, a cor aparece no sangue da jovem escorrendo depois que James a atinge, instigando a sede do caçador. Nesse momento a relação com o sangue fica evidente.

Na segunda obra da saga *Crepúsculo*, a cor vermelha e o sangue aparecem com mais frequência do que na primeira e em momentos mais marcantes. Isso se explica pela relação que a cor púrpura possui com a morte. No primeiro capítulo, Bella feriu-se ao abrir um papel de presente, Jasper saltou sobre ela e Edward jogou-a contra a mesa de cristal. Se Edward não a afastasse, Jasper a teria matado. Alice e Bella avistaram Volterra como “[...] cidade encastelada no alto da colina mais próxima” (MEYER, 2008b, p. 314).

Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2008, p. 945), “[...] o vermelho perpetuamente é o lugar da batalha [...] entre céu e inferno [...]”, é a cor do poder, da imortalidade, do inacessível. O sangue – que aparece em momentos específicos – tem significado marcante em *Lua Nova*. O sangue escondido “[...] é a condição da vida. Espalhado, significa a morte” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 944). Nas primeiras páginas da narrativa, a personagem principal de Meyer descreve: “[...] desviei a atenção do sangue vermelho e brilhante que jorrava de meu braço – e olhei nos olhos febris dos seis vampiros repentinamente vorazes [...]” (MEYER, 2008b, p. 30). O sangue jorrando instiga a fome do vampiro e conduz à morte.

O ambiente lúgubre é construído devido à presença quase constante da noite. Com a partida de Edward, a noite passa a significar tristeza para Bella porque sua ausência é como uma noite sem lua. Ela é dependente da relação que mantém com o vampiro. A lua “[...] simboliza a dependência, [...] [a] transformação, [...] [o] crescimento” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 561). Os acontecimentos servem para que as personagens compreendam que não conseguirão viver separadas como conclui Edward: “[...] Antes de você, Bella, minha vida era uma noite sem lua. Muito escura, mas havia es trelas [...] depois você atravessou meu céu como um meteoro. De repente tudo estava em chamas [...]. Quando você se foi, [...] tudo ficou negro. [...] E não havia mais razão para nada” (MEYER, 2008b, p. 366). Quando chega a noite, as trevas trazem o sofrimento amoroso.

Em *Crepúsculo*, após Edward revelar-lhe que o crepúsculo é a hora mais segura do dia para os vampiros, a filha de Charlie afirmou gostar da noite. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2008, p. 300, grifo dos autores), o crepúsculo “[...] Exprime **o fim de um ciclo**, e, em consequência, a preparação de outro. [...] é [...] a hora da saudade e da **melancolia**”. O momento favorito dos românticos. É à noite que a personagem principal de Meyer consegue viver sua história de amor com o vampiro. Meses após a partida de Edward, Bella revela que “[...] a densa névoa que embaraçava meus dias era, às vezes, perturbadora” (MEYER, 2008b, p. 61). Ao mencionar a obra de Álvares de Azevedo, Antonio Cândido aponta “[...] a devoção extrema pela noite, a treva romântica, que soube como ninguém povoar de cenas e visões fantásticas” (CANDIDO, 2009, p. 501) as narrativas do período literário do Ultrarromantismo. A noite liberta a imaginação e os sonhos são permitidos.

A devoção pela noite torna o ambiente propício para que o sonho e o mistério ganhem formas fantásticas. O sonho está presente tanto em *Crepúsculo* quanto em *Lua Nova*. Na primeira obra, após o vampiro salvá-la, Bella revela: “Essa foi a primeira noite em que sonhei com Edward Cullen” (MEYER, 2008a, p. 57). A personagem desconhece que seu salvador seja um vampiro. Para ela, vampiros são mitos. De acordo com Afrânio Coutinho e Eduardo de Faria Coutinho (2004, p. 9), o temperamento romântico prefere, “[...] Em lugar do mundo conhecido, a terra incógnita do sonho, muitas vezes representada em símbolos e mitos”. Uma característica do Romantismo é o escapismo, “[...] o desejo do romântico de fugir da realidade para um mundo idealizado” (COUTINHO; COUTINHO, 2004, p. 9) em que o sonho e a fantasia minimizam a dor do simples fato de existir. A personagem romântica de Meyer desliga-se do mundo real após a partida de Edward e encontra refúgio em sua imaginação.

O mistério e o sobrenatural já aparecem na saga escrita por Stephenie Meyer desde o princípio. A narrativa apresenta aos leitores uma criatura que não é humana - um vampiro - cuja existência é cercada de acontecimentos sobrenaturais. Isabella Swan confessa: “Eu estava consumida pelo mistério representado por Edward. E um pouco mais do que obcecada pelo próprio Edward” (MEYER, 2008a, p. 56). Ela é rejeitada pelo jovem e atraente filho de Carlisle após ser salva pelo “super-herói”. A garota que se sente desajustada no mundo em que vive conhece alguém que também é diferente. Conforme Afrânio Coutinho e Eduardo de Faria Coutinho (2004, p. 9), “[...] O espírito romântico é atraído pelo mistério da existência, que lhe aparece envolvida de sobrenatural e terror”. O mistério que envolve Edward Cullen torna-o ainda mais interessante aos olhos de Bella. A mãe sempre dissera-lhe que ela era um livro aberto por considerar fácil ler a expressão da filha. Para Edward, ela é muito difícil de ler. O vampiro que escuta pensamentos é incapaz de ouvir o que se passa na mente de uma única humana. Ele afirma: “[...] A única suposição que eu tenho é que talvez sua mente não funcione da mesma maneira que a mente dos outros. Como se seus pensamentos estivessem na frequência AM e eu só pegasse FM” (MEYER, 2008a, p. 136). Assim como acontece com a humana, o vampiro também se interessa pelo diferente. Bella é atraente para Edward porque seu poder não funciona com ela, a mente da jovem é um enigma que ele tenta decifrar.

#### **4 A (des)construção da personagem Edward Cullen**

O *Drácula* (2009), de Stocker, é o precursor do mito do vampiro nas narrativas. De acordo com essa obra, o vampiro não pode entrar sem ser convidado, fica impotente à luz do dia e diante da flor de alho, afasta-se de crucifixo e “[...] um projétil bento disparado em seu ataúde fá-lo perecer de morte real” (STOCKER, 2009, p. 357). Para evitar que sua vítima se transforme em um morto-vivo, é preciso decapitá-la e retirar seu coração. A partir do conde Drácula, novos vampiros surgiram alimentando o imaginário dos leitores apaixonados por essas criaturas. Em *Crepúsculo*, Bella se dedica a pesquisar o mito do vampiro após a conversa com Jacob na reserva Quileute. Ela descobre que os vampiros são chamados de frios em algumas culturas e relaciona a descoberta a Edward: “[...] Seus dedos eram frios como gelo, como se ele os tivesse enfiado numa bola de neve antes da aula” (MEYER, 2008a, p. 41). Na obra de Stocker (2009, p. 74), Jonathan encontra o local de descanso de Drácula, “[...] sobre o canteiro de terra ainda bem fresca, estava estendido o Conde! Ele nem dormia, nem estava morto”. O caixão é uma proteção para o vampiro durante o período do dia.

Os vampiros sempre causaram horror pela sua alimentação. Quando Isabella confronta Edward após descobrir sua identidade de vampiro, ele a questiona: “[...] Ainda não me fez a pergunta mais importante. [...] Quer saber se bebo sangue?” (MEYER, 2008a, p. 140). Desde o surgimento do mito, os vampiros foram vistos como criaturas assustadoras, monstros, por causa da monstruosidade de seus atos. Quando avistou Van Helsing, Lucy “[...] deu um salto para trás e soltou um cavernoso rosnado, como costumam fazer os felinos, ao se verem acuados” (STOCKER, 2009, p. 315). O rosnado é uma característica de Edward que aparece quando o personagem se sente contrariado, quando as circunstâncias lhe impõem algo. Ao ver como ele a olhava com repugnância,

Isabella lembrou-se da expressão “[...] *como se pudesse me matar*” (MEYER, 2008a, p. 26, *grifo da autora*). O excerto é um dos poucos momentos em que a personagem menciona o maior instinto do vampiro.

A escritora contemporânea Stephenie Meyer recria algumas partes referentes ao mito, o vampiro da saga *Crepúsculo* possui muitas diferenças em relação ao antigo vampiro. Edward não dorme, não há caixões na casa dos Cullen, e não pode sair à luz do sol por motivos diferentes dos de Drácula como será mostrado no próximo subcapítulo. O conde Drácula não possui reflexo. Ao revelar as fotos que retirou do amado em seu aniversário, Bella esperava uma mancha branca ou algo assim no lugar de Edward, todavia ele saiu perfeito.

Além disso, a dificuldade para matar os vampiros é maior. Em *Drácula*, a personagem Van Helsing afirma: “Terei que decepar sua cabeça [...]. Depois disso, transpassarei todo o seu corpo com um bastão bem forte e pontiagudo” (STOCKER, 2009, p. 299). Em *Crepúsculo*, Carlisle manda os filhos esquartejarem James e queimá-lo. Assim como há diferenças entre a forma de exterminar um vampiro, as duas narrativas também trazem diferenças quanto à transformação de um humano em vampiro. Edward foi transformado por Carlisle porque o médico teve autocontrole suficiente ao não beber todo o sangue do rapaz permitindo que o veneno presente em suas presas se espalhasse pelo corpo do jovem. Já Mina, além de ser mordida, bebeu um pouco do sangue de Drácula.

Quando Lucy já está muito fraca e sente que morrerá, ela escuta o uivo de um cão, no entanto vê apenas um morcego batendo asas na vidraça da janela. De acordo com o mito, os vampiros se transformam em morcegos, animais cuja simbologia aponta para “[...] os demônios. Suas asas seriam as dos habitantes do Inferno” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 621). O vampiro é diretamente relacionado ao diabo por ser considerado uma criatura demoníaca, e o diabo aparece com asas de morcego em algumas de suas representações.

#### 4.1 Lúcifer: o anjo caído

No Ultrarromantismo aparecem referências ao satanismo. Os vampiros são considerados criaturas demoníacas por serem mortos-vivos e alimentarem-se de sangue. Em *Lua Nova*, Bella sonha com demônios de olhos vermelhos, “[...] Mas a parte mais intensa e mais clara não foi o pavor. Foi o anjo, o *mais* nítido de todos” (MEYER, 2008b, p. 356, *grifo original*). A referência a demônios é feita aos vampiros. Nota-se, porém, que Isabella menciona um anjo entre os demônios. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2008, p. 329, *grifo dos autores*), argumentam que “Para a demonologia cristã [...], os demônios são **anjos que traíram a própria natureza**, mas que não são maus, nem por sua origem, nem por sua natureza”. Eles são perversos naquilo que não se conforma sua natureza. Em *Crepúsculo*, quando Edward tenta persuadi-la de que estava próximo a ela quando a *Van* quase a atingiu, Bella afirma que “[...] Era como tentar encarar um anjo exterminador” (MEYER, 2008a, p. 55). Na tentativa de intimidá-la, o anjo contraria sua natureza perfeita e assume a posição de anjo caído.

Por muito tempo, o diabo foi descrito como uma criatura vermelha e com chifres

de bode como um meio de aterrorizar os seres humanos. Na Bíblia, ele seria um anjo caído que foi expulso do céu porque queria ser Deus. Em Apocalipse (1969, cap. 12, vers. 7-9), São João afirma que “[...] houve batalha no céu [...] E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, [...] na terra [...]”. Assim como há duas descrições diferentes para a personificação do Diabo, encontramos duas descrições diferentes para os vampiros na literatura. O conde Drácula, de Bram Stoker (2009, p. 40), causou náusea em Jonathan ao tocar-lhe, pois tinha o aperto de mão forte e gelado como se fosse a mão de um morto, seus traços eram estereotipados, “[...] seu ricto facial imprimiu em sua risada um tom maligno e soturno”, não possuía nenhum espelho em sua casa e sua imagem não se refletia diante de um, dormia em um caixão de terra podre e a luz do sol o queimaria caso se expusesse a essa. O jovem Edward Cullen, de Stephenie Meyer (2008a, p. 192), mostrou-se para Bella à luz do sol, “[...] Sua pele [...] literalmente faiscava, como se milhares de diamantes pequenininhos estivessem incrustados na superfície. [...] os braços nus cintilando. [...] Uma estátua perfeita, entalhada em alguma pedra desconhecida, lisa como mármore, cintilante como cristal”. A luz do sol não matou o vampiro, ela apenas revelou sua verdadeira identidade de predador, pois nenhum humano se esqueceria dessa visão.

Essa descrição vem ao encontro do que é mencionado no livro bíblico de Ezequiel (1969, cap. 28, vers. 14), no qual o diamante é citado como uma das pedras preciosas que cobrem Lúcifer. Ele era “[...] querubim ungido para proteger”, perfeito nos caminhos de Deus, até que o desafiou e perdeu sua glória. Além do diamante, outras pedras preciosas são relacionadas ao anjo caído como o topázio e o ônix que também aparecem referindo-se a Edward. Isabella menciona o topázio como sua pedra preferida por ser a cor dos olhos do rapaz. Uma semana antes, teria dito ônix. Ela descobre que a cor dos olhos do vampiro muda conforme sua sede aumenta ou diminui. “Percebi que os olhos dele eram pretos – pretos como carvão.” (MEYER, 2008a, p. 25), observou Bella ao sentar-se ao seu lado no laboratório quando já fazia algum tempo que ele não caçava. Nesse momento, os olhos são relacionados ao ônix que é uma pedra negra. Quando ele retorna depois de algum tempo fora da cidade, seus olhos “[...] eram de uma cor completamente diferente: um ocre estranho, mais escuro do que caramelo, mas com o mesmo tom dourado” (ibidem, p. 42). Após se alimentar, eles são como o topázio típico que é amarelo. As pedras preciosas que cobrem Lúcifer justificam seu nome que, em latim, significa “[...] radiante, luminoso” (BUSSARELLO, 1995, p. 137). A luminosidade é outra semelhança entre o anjo caído e o jovem Cullen. Isabella afirma que “[...] A LUZ FRACA QUE HAVIA parecia irradiar da pele de Edward” (MEYER, 2008a, p. 58, grifo do original). Confirmando assim que o vampiro é radiante, luminoso.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2008, p. 338) afirmam que há forças que “[...] são indispensáveis ao equilíbrio da natureza: só Lúcifer, portador da luz, poderia tornar-se Príncipe das Trevas”. A oposição entre luz e trevas evidencia a oposição entre o bem e o mal. Enquanto o anjo de luz estava no céu, ele representava o bem. Quando foi expulso, ele passou a representar o mal. Ao escutar as teorias de Bella em relação a ele, Edward a questiona: “[...] E se eu não for um super-herói? E se eu for o vilão?” (MEYER, 2008a, p. 75). Há duas divisões: o bem, representada pelo super-herói, e o mal, representada pelo vilão. Trata-se das duas forças que regem o universo. De um lado, está Deus, o bem,

e do outro, “[...] O Diabo [que] reina sobre as forças ocultas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 338). O Príncipe das Trevas não pode mais ser chamado de Lúcifer e passa a se chamar de Diabo.

Quando Edward revela-se a Bella, ela descreve: “[...] Nunca o vi tão livre de sua fachada refinada. Ele nunca foi menos humano... Nem mais lindo. Pálida e de olhos arregalados, fiquei sentada como uma ave presa pelos olhos de uma serpente” (MEYER, 2008a, p. 195). O vampiro que aparece em *Crepúsculo* é sedutor como o diabo que se utiliza da serpente para convencer Eva a comer do fruto proibido. A mulher é convencida de que ao provar do fruto proibido ela saberá tanto quanto Deus, o conhecimento do bem e do mal (GÊNESIS, 1969, cap. 3, vers. 1-6). A árvore em que a fruta estava era agradável aos olhos assim como a imagem perfeita de Edward é agradável aos olhos da personagem principal de Meyer. Ao provar do fruto proibido, Adão e Eva conhecem o bem e o mal, conhecem a morte. Em Gênesis (1969, cap. 3, vers. 3), a instrução de Deus é clara ao determinar que “[...] Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais”. O amor por Edward é o fruto proibido de Bella. Ao provar desse amor, a jovem corre o risco de ser morta por ele se sua sede não for controlada – ele menciona isso ao afirmar que “[...] É muito mais fácil ficar perto de você [Isabella] quando não estou com sede” (MEYER, 2008a, p. 141) – ou por outro vampiro como acontece com James e os Volturi.

No penúltimo capítulo de *Crepúsculo*, intitulado *O Anjo*, Bella refere-se várias vezes a Edward como um anjo. É a voz dele que ela escuta enquanto está meio adormecida. Para Massaud Moisés (2002, p. 164), o Ultrarromantismo encontra-se “[...] indeciso entre o satanismo e o angelismo”. Essa característica é marcante na obra de Álvares de Azevedo e aparece na obra da escritora norte-americana. Bella afirma: “[...] Ele [Edward] deu aquele sorriso torto para mim [...]. Não conseguia imaginar como um anjo poderia ser mais glorioso” (MEYER, 2008a, p. 179). A afirmação da personagem relaciona o vampiro à imagem de Lúcifer antes da queda. O angelismo presente no Romantismo aparece na visão idealizada da personagem. Para Bosi (2002, p. 93), “A natureza romântica é expressiva. [...] Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõem-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação”. Os namorados encontram-se à noite porque Edward está seguro nas trevas, sua existência não corre nenhum perigo.

O envolvimento amoroso da jovem romântica com o vampiro é intenso. Diante da possibilidade de perder Edward, Bella afirma: “[...] Você pode ter minha alma. Não a quero sem você... ela já é sua” (MEYER, 2008b, p. 58). Isso demonstra que a personagem é capaz de dar sua alma para continuar com o seu amado, estabelecendo a relação entre o jovem Cullen e o Diabo devido à crença popular de que algumas pessoas oferecem-lhe sua alma em troca de algo que desejam. Bella já não se preocupa com sua vida e enfatiza: “[...] Tentei dizer a mim mesma que o medo não tinha sentido. Eu já vivera o pior possível. [...] Eu devia olhar a morte de frente e rir” (ibidem, p. 135). Morrer não é doloroso depois de sofrer a ausência do ser amado. A obra de Meyer, assim como as obras do período literário do Romantismo, traz “[...] as imagens satânicas que povoam a fantasia do adolescente [...]” (BOSI, 2002, p. 113), reiterando que a adolescência e o Romantismo estão interligados. Isabella Marie Swan não se preocupa

com as semelhanças entre Edward e o Diabo, ela o ama acima de tudo e argumenta: “[...] o amor é irracional, lembrei a mim mesma. Quanto mais você ama alguém, menos tudo faz sentido” (MEYER, 2008b, p. 243), confirmando que é incapaz de ver seu amado vampiro como uma criatura demoníaca.

As serpentes, os morcegos, os vampiros e tudo que é maléfico e traz em si o horror são imagens de dragões que ameaçam Deus. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2008, p. 349) afirmam que “Como símbolo demoníaco, o dragão se identifica [...] com a serpente” mencionada acima. A personagem principal de Meyer explica que, após ser mordida por James, Edward a salvou porque “[...] Ele sugou o veneno... Sabe como é, como se faz com uma cascavel” (MEYER, 2008b, p. 248). Nessa explicação, Bella estabelece a relação entre o vampiro e a serpente como iguais. Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 349) explicam o Salmo 74 (1969) afirmando que “[...] As cabeças de dragões quebradas, as serpentes destruídas, são a vitória de Cristo sobre o mal”. Deus disse a Adão e Eva que um cordeiro teria que ser sacrificado como representação de Jesus Cristo que morreu para a expiação dos pecados da humanidade. No evangelho de São João (1969, cap. 1, vers. 29), João Batista apresenta Jesus dizendo “[...] Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. Já em Apocalipse (1969) o cordeiro é mencionado como o Leão da tribo de Judá. A caça favorita de Edward é o leão da montanha e Jesus Cristo foi perseguido (caçado) pelo Diabo.

Antes de se transformar no Diabo, segundo o livro bíblico de Ezequiel (1969), Lúcifer era responsável por tudo o que estava relacionado à música no Céu. Em *Crepúsculo*, Bella menciona que Edward “[...] começou a cantarolar a mesma cantiga desconhecida. A voz de um arcanjo, suave em meu ouvido” (MEYER, 2008a, p. 227). A cantiga desconhecida foi composta pelo vampiro para ela e a jovem descobre isso mais tarde. A música é outra semelhança entre o vampiro e o anjo caído. Um dos castigos impostos por Deus ao Diabo é que “[...] tuas cantigas, e o som das tuas harpas não se ouvirá mais” (EZEQUIEL, 1969, cap. 26, vers. 13). A melodia que o rapaz cantarola para a namorada a fascina tanto que a jovem afirma: “[...] A voz dele era como mel e veludo” (MEYER, 2008b, p. 322). Se já não fosse suficiente toda a beleza de Edward, sua voz também é atraente.

Todas as características do vampiro atraem a presa como se ele precisasse disso. Sua força descomunal lhe daria facilmente a refeição, porém ele perderia o ar envolvente e sedutor tão característico dos vampiros. O Diabo é comparado à serpente porque essa “[...] era mais astuta que todas as alimárias do campo” (GÊNESIS, 1969, cap. 3, vers. 1). A serpente seduz Eva ao lhe dizer o que soa agradável aos seus ouvidos. Edward não faz diferente com Bella ao afirmar: “[...] você é *exatamente* meu tipo preferido de heroína” (MEYER, 2008a, p. 197, grifo da autora) e prometer nunca machucá-la. Depois de algum tempo, ele a conduz até o bosque e informa que partirá com sua família e que ela não pode ir com ele. Enquanto a jovem implora, dizendo que ele era a melhor parte de sua vida, o namorado apenas responde que seu mundo não era para ela e que está cansado de fingir ser algo que não é: humano. Por fim, conclui dizendo: “[...] Você não é boa para mim” (idem, 2008b, p. 59). Isabella se convence porque acredita que não é boa o suficiente para ele.

A personagem principal de Meyer é enganada pelo namorado. Ela acredita no

amor do vampiro e é abandonada. O Diabo é conhecido por ser caluniador e enganador. A Bíblia se refere diversas vezes a ele nesse sentido. O apóstolo João escreveu: “E vi descer do céu um anjo [...]. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, [...] para que mais não engane as nações [...]” (APOCALIPSE, 1969, cap. 20, vers. 1-3). O abismo é vazio, não há ninguém para o Diabo seduzir com suas artimanhas. Sozinho, ele encontra-se aprisionado porque não pode mentir, enganar, iludir nem tentar os seres humanos. Bella conhece a verdadeira identidade de Edward e seu lado sombrio, pois afirma que “[...] Ele *era mesmo* perigoso. Estava tentando me dizer isso o tempo todo” (MEYER, 2008a, p. 75). Ainda assim não sente medo quando ele diz que ela está enganada quanto a ele não ser mau, fica fascinada.

Isabella está tão envolvida com o vampiro que continua amando-o depois de ser abandonada e confessa: “[...] Depois que você gosta de uma pessoa, é impossível ser lógica com relação a ela” (idem, 2008b, p. 217). A jovem foi seduzida pelos atributos do jovem Cullen e não sabe como viver sem ele. Seja como serpente, [...] bode, morcego, vampiro ou dragão “[...] pouco importa a figuração – *nunca lhe faltam disfarces* – ele [o Diabo] é sempre o Tentador e o carrasco” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 337, grifo dos autores). Essa definição pode ser aplicada a Edward no momento em que ele abandona Isabella. O jovem lhe diz que ela o esquecerá e enfatiza sorrindo tranquilamente: “[...] não vou esquecer [você]. Mas *minha* espécie... Nós nos distraímos com muita facilidade” (MEYER, 2008b, p. 60, grifo do original). Não a deixou abraçá-lo, argumentou que isso era necessário para que fosse uma ruptura sem traumas e partiu após beijar-lhe a testa com frieza.

## 5 Considerações finais

Os estudos realizados neste artigo conduziram a três reflexões, sendo elas acerca das origens do Romantismo, das características das obras desse período literário que aparecem em obras contemporâneas – *best-sellers* que receberam uma nova roupagem, mas mantiveram as características românticas de mais de um século atrás – como *Crepúsculo* e *Lua Nova*, da escritora Stephenie Meyer, e da relação entre o vampiro Edward e a personagem bíblica Lúcifer. O vampiro moderno afastou-se da visão maniqueísta do diabo, entretanto é sedutor e manipulador como o diabo representado na Bíblia.

As origens do Romance e o surgimento do período literário do Romantismo, juntamente com o aparecimento de uma nova classe social, a burguesia, demonstram que os folhetins não eram direcionados aos leitores instruídos, mas a um novo público leitor que buscava distração. Os romances criados nesse período eram destinados ao público feminino com o objetivo de manter a submissão feminina. Ou seja, por meio das obras literárias, as mulheres eram instruídas a respeitar as regras sociais impostas e aceitar a supremacia masculina.

Já se passou mais de um século desde o surgimento do Romantismo, todavia as obras literárias destinadas à cultura de massa continuam determinando o mesmo padrão de conteúdos, encaminhando-se à submissão feminina, atualizando-se apenas

as suas roupagens. Sendo assim, conclui-se que os *best-sellers* assumiram o lugar dos folhetins, mantendo a mesma estrutura literária: narrativas que contam a história de um amor proibido entre um homem e uma mulher. Nas narrativas mais atuais, narra-se esse envolvimento entre dois jovens. Os estudos realizados, portanto, demonstram que as características mais importantes presentes no período literário do Romantismo encontram-se, também, nos *best-sellers* atuais como se observou em *Crepúsculo* e *Lua Nova*, da escritora contemporânea Stephenie Meyer. A idealização do ser amado, o sofrimento amoroso, o exagero, a atração pela morte, o ambiente lúgubre, a presença marcante da noite e o satanismo são características que aparecem nas obras atuais destinadas ao público adolescente que também se faziam presentes nos folhetins do Romantismo, embora com ancoragens espaciais e temporais diferentes.

Essa relação, proporcionada pela presença das características do período literário do Romantismo, entre os folhetins e os *best-sellers* permite a aproximação de uma obra atual com obras literárias clássicas e aproxima o leitor de uma literatura de maior envergadura artística. A última característica mencionada, o satanismo, que é marcante no Ultrarromantismo, atrai os adolescentes devido à presença do lado sombrio que desafia determinadas leis universais. A indecisão entre o satanismo e o angelismo, apresentada pela segunda geração romântica, a do “mal do século”, aparece em *Crepúsculo* e *Lua Nova* e permite a comparação entre Edward e Lúcifer. O anjo caído e o vampiro aproximam-se devido à beleza, à voz melodiosa, à astúcia, à comparação com a serpente, à representação da “tentação” e ao fato de serem mentirosos e não cumprirem suas promessas. O jovem Cullen encontra-se indeciso como os românticos, pois ele flerta com o lado sombrio ao mesmo tempo em que o nega. Sua aparência angelical agrada a cultura de massa, assim como o jogo criado entre o bem e o mal. Ao flertar com o lado sombrio e ao negá-lo, Edward Cullen torna-se mais romântico ainda e mais ao gosto dessa cultura. Não é difícil se apaixonar por uma criatura perfeita que posa de super-herói na maioria das vezes, cujas falhas são justificadas como instinto de proteção em relação à amada.

A escritora contemporânea Stephenie Meyer criou o homem ideal que habita a imaginação de muitas jovens românticas, que sonham e suspiram lendo romances *best-sellers*, assim como faziam as jovens burguesas do período literário do Romantismo. As obras *Crepúsculo* e *Lua Nova* apresentam um namorado idealizado, que faz a namorada sofrer quando ela descobre suas mentiras e que não perde seu amor não importa o que aconteça. Edward pode não ser o Conde Drácula, mas faz Bella sofrer ao se comportar como um cafajeste, abandonando-a no momento em que ela precisa dele.

A personagem criada por Meyer afastou-se da visão maniqueísta do diabo e da representação horripilante do vampiro que aparece no *Drácula*, de Bram Stoker, todavia manteve a relação entre o vampiro e o diabo, já que a Bíblia traz uma representação diferenciada desse ser que ousou desafiar Deus. Edward recebeu uma “roupagem” diferenciada, mas ainda é o detentor do poder e o manipulador da situação como os vampiros que o precederam. A personagem de Meyer representa o homem que manipula e controla a mulher, mantendo-a à mercê da sua vontade como no Romantismo.

Desse modo, o presente artigo contribui para o entendimento do fenômeno de vendas da “saga *Crepúsculo*”, uma vez que as características literárias do Romantismo

vão ao encontro do gosto da cultura de massa e da faixa etária à qual se destina. Da mesma maneira, para futuras pesquisas, recomenda-se que seja realizado um estudo mais aprofundado sobre a indústria cultural e a submissão feminina que ainda é imposta por essa.

## Referências

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria e Metodologia Literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

APOCALIPSE. In: BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

AZEVEDO, Álvares de. *Noite na taverna*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BUSSARELLO, Raulino. *Dicionário básico latino - português*. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 12. ed. São Paulo: Fapesp, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil: era romântica*. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

EZEQUIEL. In: BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. ed. rev. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

FRANZ, Marie Louise Von. *A interpretação dos contos de fadas*. Tradução: BARBOSA, Maria Elci Spaccaquerche. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

GÊNESIS. In: BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Trad. Ryta Magalhães Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Lua Nova*. Trad. Ryta Magalhães Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008b.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através do tempo*. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

RECTOR, Monica. *Mulher: objecto e sujeito da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Universidade Fernando Pessoa, 1999.

SALMOS. *In: BÍBLIA SAGRADA*. Trad. João Ferreira de Almeida. ed. rev. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

SÃO JOÃO. *In: BÍBLIA SAGRADA*. Trad. João Ferreira de Almeida. ed. rev. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

STOCKER, Bram. *Drácula*. Trad. Theobaldo de Souza. Porto Alegre: L&PM, 2009.